

Tradução, interpretação e poesia. FACES DO MESMO?

*Junia de Vilhena**, Rio de Janeiro
*Joana V. Novaes***, Rio de Janeiro
*Carlos Mendes Rosa****, Rio de Janeiro

A tradução, como a interpretação psicanalítica, é sempre incompleta, defeituosa, imperfeita, assim como o próprio sujeito. Os poetas permitem ao leitor brincar com as palavras, sílabas ou frases, desfrutando do texto ao seu bel-prazer. Tradutores se beneficiam com a polissemia do texto, a fim de recriar a sua própria versão do original. O analista, ao interpretar, condensa a polissemia do discurso do sujeito em análise. Todas as versões são sempre inesperadas para os três. Tentamos retomar aqui a poesia dos textos originais de Freud, solapada por algumas traduções. Investigamos também a estreita relação entre o poeta e o psicanalista, apontada por Lacan, bem como alguns parâmetros clínicos importantes que poderiam ser incluídos na pesquisa da interpretação psicanalítica e também na produção da poesia. Poesia, que é um efeito de sentido, é também um não-sentido. Portanto, não se situa no terreno da significação racional, mas sim nos limites do impossível. Paradoxalmente, abre infinitas possibilidades ao sujeito.

Palavras-chave: tradução, interpretação, psicanálise, sujeito.

* Dra. em Psicologia Clínica – Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

** Pós Doutora em Psicologia Médica. Instituto Cultural Freud.

*** Doutorando do Programa de Pós-graduação em psicologia clínica da PUC-Rio.

“Onde eu não estou, as palavras me acham”
Manoel de Barros, 2001.

No início era o verbo... O primeiro tradutor que conhecemos é São Jerônimo, tradutor das sagradas escrituras bíblicas e patrono dos tradutores. Freud, o pai da psicanálise, insiste várias vezes que não importa qual caminho tome a psicanálise, um poeta terá sempre trilhado antes aquele mesmo caminho. E como temos acesso aos poetas que rasgaram o papel (ou os pergaminhos) em uma infinidade de idiomas que nos são desconhecidos? Somente através das traduções destes mesmos versos. O tradutor é a voz do poeta, para que o mundo possa conhecê-lo. O analista descobre o sujeito do inconsciente em sua submissão eterna à palavra e ao desejo, o ser que se torna humano através da cultura, por sua capacidade de se expressar em palavras. Que analogia pode ser encontrada entre o fazer do tradutor e a experiência psicanalítica? Podemos afirmar que a tradução está intimamente relacionada com a psicanálise, no sentido de que a primeira relação humana é uma relação de tradução.

Os primeiros tradutores foram os hermeneutas, responsáveis por traduzir os desejos de Deus aos homens e os desejos dos homens aos deuses. Estes eram uma espécie de intérpretes do desejo. A necessidade do ser humano de se comunicar remonta à noite dos tempos, assim como a tradução. Como se isso não bastasse, a tradução é responsável pela imortalização de textos clássicos em grego e latim. E o que dizer da psicanálise sem Édipo ou Antígona? Podemos falar de psicanálise sem mencionar o Banquete de Platão? Pode-se estudar psicanálise excluindo Sófocles, Platão, Sócrates, Aristóteles?

Se entendemos, com Lacan, que o recalco e o seu retorno são a mesma coisa, na medida em que o inconsciente não se constitui como um buraco escuro no fundo de nossas cabeças, onde se acumulam recalques e lapsos, mas sim como o que, à revelia de nossa vontade, aparece na própria cadeia discursiva, estudar a linguagem, e sua relação com a tradução, a relação entre tradutor e texto, é também abordar a medida entre sujeito e inconsciente (Frota, 1999).

Considerada como uma mera transmissão de palavras, de significados ou equivalentes, ou até mesmo de aspectos de certos elementos culturais, a tradução sempre se vê diante de uma questão fundamental, qual seja: a fidelidade do tradutor. De acordo com as novas teorias da tradução, a fidelidade do tradutor é discutida como remissão da culpa, como homenagem ao pai (o autor) através do desejo de apropriar-se do texto para criar seus próprios significados. Venuti (1995) afirma que, se combatemos a invisibilidade do tradutor com a opinião de que a tradução

é uma prática social que envolve um trabalho de transformação extremamente complicado, não queremos dizer com isso que o tradutor esteja sendo elevado ao status de outro autor e que desta forma concorra com o autor estrangeiro ou o supere.

Quer seja na prosa ou na poesia, a tarefa do tradutor é encontrar a singularidade com que cada autor utiliza a linguagem e os recursos que ela oferece. O estilo é peculiar ao homem, disse George Buffon em seu famoso discurso de recepção na Academia Francesa em 1753.

No caso de tradução, seja qual for a situação, se for executada na mesma língua ou entre uma língua e outra, existe sempre um leitor ou um receptor que decodifica o significado da outra e o traduz em sua própria língua. Isto é o que poderia ser chamado de uma *ação de transferência* – em ambos os sentidos da palavra *transferência*: seja como movimento ou relação analista-analisando.

A tradução é sempre incompleta, repleta de falhas e erros, como o próprio sujeito. Derrida (2002) utiliza a história bíblica de Babel para ilustrar o duplo cego da tradução – a possibilidade/impossibilidade das escrituras como uma leitura tradutora. O texto não se presta à normalização, ele se rebela contra qualquer forma de controle. A fragilidade e as limitações do modelo de linguagem não levam em conta a tradução, mas o tradutor insiste.

O autor é uma função e não uma autoridade. A relação entre tradutor e autor se dá a partir de um conflito, bem como a relação do sujeito com o desejo e a própria relação psicanalítica. A psicanálise há muito se beneficia com as reflexões acerca da complexidade do ato de traduzir e de suas reverberações, começando com a necessidade de se traduzir a obra fundadora de Freud, já que o alemão está longe de ser um idioma comum.

Entretanto, de uma forma geral, podemos comprovar que muitas traduções do texto freudiano têm distorcido seu sentido original. Seja no afã de acrescentar um toque mais cientificista, como é o caso da tradução originária do inglês, seja no sentido de estabelecer melhor certos conceitos quando, de fato, a letra de Freud se pretendia muito mais fluida e literária.

O texto psicanalítico visa estimular seus leitores a efetuarem associações, como o faz a própria técnica. As palavras escolhidas por Freud para nomear seus conceitos clínicos possuem essa propriedade associativa e induzem à proliferação de imagens. Com isto a vida psíquica ganha colorido, intensidade e ritmos. Não deve ser possível, ao leitor, ler de forma impassível e ascética o texto freudiano (Mezan, 2002).

Em um artigo escrito para a revista *The New Yorker* de 01 de março de 1982, Bettelheim faz uma dura crítica à tradução em inglês da obra de Freud. Ele

aponta o que chamou de *l'excision*, feita pela tradução que transforma a visão pessoal de Freud, sobre a complexidade dos processos mentais dos seres humanos, em uma teoria despersonalizada, abstrata, *científica*¹ e totalmente mecanizada. O autor denuncia um explícito desvio ou adulteração do sentido do texto freudiano.

O resultado disso que ele chama de higienização é um entendimento pseudocientífico do inconsciente e dos textos em que Freud define o comportamento humano. Enquanto Freud se dirige ao seu leitor como um sujeito, o texto inglês nunca é colocado nessa posição de implicação, ao contrário, é mantido de fora, como se estivesse lendo Freud a partir de uma distância segura que o impeça de ser capturado pelas palavras do mestre de Viena (Bettelheim, 1982).

Não existe a possibilidade de uma tradução perfeita e completa, a ideia de uma superprodução é tão irreal quanto a ilusão de completude do sujeito, mas o tradutor precisa dessa ilusão para investir o texto como um objeto de desejo e traduzi-lo. Foi nesta moeda que apostou Laplanche, referindo-se à tradução de Freud – ao afirmar que não havia modificado nada, nem mesmo os parêntesis e, inclusive, tinha seguido os artigos e preposições que caracterizam o pensamento do autor (Laplanche *et al.*, 1989). Roudinesco (2001) testemunha, inclusive, a tentativa de Laplanche de *esmaecer* a influência de Lacan em seu pensamento para evitar ser infiel a Freud. É forçoso admitir que Lacan foi fiel a Freud, especialmente nos primeiros anos de sua trajetória, notadamente antes de sua ruptura com a escola parisiense, a qual deu origem a *O seminário II: quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964) e a uma nova fase do pensamento de Lacan. Entretanto, mesmo na primeira fase de seu ensino, Lacan tem a sua própria leitura (tradução) de Freud.

Em vários momentos de sua obra, Lacan (1954a) utiliza em seu texto diversas expressões alemãs – *die Verwerfung*, *die Verneinung*, *der Wunsch*, *das Ding*, *die Vorstellung*, *die Traumdeutung* – reforçando a ideia de fidelidade extrema e absoluta ao texto original. Lacan usou esta suposta fidelidade ao texto de Freud para fornecer um *retorno a Freud*, mas, na verdade, produz uma nova tradução da psicanálise e torna-se autor. Como todos os leitores/tradutores, cria-se um texto fazendo-se escolhas e dando-lhes um sentido, sem nunca esgotar todas as possibilidades.

¹ Grifos do autor.

O trabalho do tradutor e seus desafios

Face ao texto, o tradutor teria duas opções imediatas: levar o leitor até o autor, ou seja, priorizar a língua original, ou levar o autor ao leitor, dando prioridade à língua-alvo. No primeiro caso, quando o tradutor dá prioridade ao idioma original, escolhe como sua meta principal o autor, trabalhando no exterior ou mesmo mediando a imposição da língua estrangeira – em toda a sua estranheza – ao seu próprio espaço cultural. Nesse caso o tradutor corre o risco de ser visto como um estranho, ou até mesmo como um traidor aos olhos de seus compatriotas. Por outro lado, se for bem-sucedido e se for reconhecido, nada garante que a outra cultura não se sentirá espoliada, privada do trabalho que ela acreditava ser seu.

Inversamente, se o tradutor escolhe a segunda opção e decide que o foco do trabalho serão seus leitores ou a língua-alvo, certamente terá sucesso em satisfazer os menos exigentes de sua audiência. No entanto, ele corre o risco de trair o trabalho estrangeiro e, portanto, a essência mesma da tradução.

Dito de outra maneira, a relação entre o tradutor e seu texto é concebida no universo da tradução, ora pela via de um *subjetivismo* que reduz os textos a instrumentos reguláveis por um sujeito livre e dominador, ora pela via de uma *substancialização* da língua, que exclui o sujeito, assim ignorando os fenômenos individuais, vistos como reflexos do contexto ou como transgressões inaceitáveis.

No momento em que pensamos como ilusórias estas noções de tradução literal e tradução criativa, exatamente por excluírem de sua análise a relação do sujeito com os significantes da língua, nos deparamos com a necessidade de investigar a possibilidade de um ponto onde se entrecruzam sujeito e estrutura. Um movimento no sentido do reconhecimento de uma intencionalidade por parte do tradutor, diferente da intenção explícita de quebrar o tecido uniforme da língua original, mas de um sujeito submetido à linguagem e a um discurso (Frota, 1999).

Quais seriam então os pontos de intersecção que podemos encontrar entre este movimento e a experiência psicanalítica? O analisando também se encontra *entre dois*: a língua nativa e o Outro, o estrangeiro. Mas, em se tratando de uma estranheza radical, que é produzida por um não-saber, que habita o sujeito, esta não provém de um Outro lugar, mas daquilo que lhe falta - S (A). É nesse *entre dois* que se desenrola todo o drama da análise. No entanto, há uma diferença fundamental: se o tradutor vive em uma língua ou em outra, oscilando a seu bel-prazer, o analisando, por sua vez, vacila, mas sem o direito da escolha.

Poderíamos propor, neste momento, nossa primeira questão, destacando um aspecto muito positivo que resulta da tradução de um texto, o qual nos parece extremamente importante para a análise: a tradução revela estruturas de escrita

anteriormente ocultas, outras possibilidades latentes, até então desconhecidas, por vezes, até mesmo um aspecto ou uma versão que não aparecia no texto original. Ou seja, a tradução pode enriquecer o texto. Neste ponto, a analogia entre o processo de tradução e a análise é clara. Este é um aspecto positivo para o psicanalista que trabalha com a tradução. Acreditamos que a prática da tradução pode levá-lo a adquirir uma escuta melhor das possibilidades da fala, de sua etimologia, do duplo sentido das palavras e ajudá-lo a perceber os outros sentidos que *caem com a fala* ou que foram soterrados.

Seria o processo analítico uma tradução?

A psicanálise, especialmente com a reformulação operada por Lacan nas noções tradicionais de linguagem e de sujeito, oferece um caminho teórico que nega a possibilidade de exclusão entre tradução e psicanálise, possibilitando, assim, a afirmação da interferência necessária do tradutor nos textos que este traduz (Frota, 1999).

A ideia de articular o processo de análise ao trabalho de tradução de um texto parte, provavelmente, da clássica referência à *Carta 52 de Freud a Fliess* (1950b). Neste documento de 06 de dezembro de 1896, Freud compara a psicose a um erro de tradução. Explica a natureza específica das psicoses assumindo que parte do material inconsciente não foi traduzido. A falta de tradução, a isso Freud chama de *descarga*. O que Freud nos indica é que, no caso das psicoses, essa tradução falha, para evitar o desprazer que seria gerado pela mesma. É como se o desgosto causado por uma perturbação do pensamento não permitisse a tradução. Trata-se de uma defesa – que Freud concebe nessa época como patológica – contra um traço de memória percebido como traumático, de uma fase anterior e que ainda não foi traduzido. Por faltar uma transcrição subsequente (em função da defesa), a excitação é manejada obedecendo às leis que vigoravam no período anterior. Desse modo, há um anacronismo no sentido de persistirem organizações anteriores e caducas em relação à realidade (Coutinho, 2013).

A questão que se levanta é certamente o papel do inconsciente na vida cotidiana, nos atos de fala, nos atos de escrita e até mesmo no ato analítico. Enquanto seres de linguagem, estamos todos submetidos à cadeia significante a qual apenas assombramos, como diria Lacan (1977).

Um exemplo da ação do inconsciente, agindo ao mesmo tempo na tradução e na psicanálise, foi apontado pelo linguista Alan Bass, (1985 *apud* Frota, 1999)

ao demonstrar que Freud endossou um erro de tradução do texto de Leonardo da Vinci do italiano para o alemão. Deste equívoco surge a palavra *abutre*, que não está presente no original do pintor renascentista. É importante que se diga que não se trata de uma tradução absurda, apenas havia outras palavras melhores para serem colocadas no lugar do termo italiano *nibbio*².

Podemos aceitar o simples desconhecimento de Freud acerca deste erro e sua utilização inocente, ou pensar que talvez ele possuísse condições de corrigir o erro, mas tenha inconscientemente fetichizado o texto e visto algo que não estava lá, porque esse termo *abutre*, que em algumas culturas remete à figura materna, cai como uma luva na análise da infância de da Vinci.

Se levarmos em conta todo o conhecimento de Freud das várias línguas com as quais tinha contato e lembrarmos que ele esteve por diversas vezes na Itália, como mostram alguns de seus textos, tenderemos a acolher melhor a segunda hipótese. Ou seria nossa intenção aqui provarmos um ponto de vista acerca da intencionalidade inconsciente da escrita, deixando de considerar que Freud pode ter sido negligente e acometido por um esquecimento temporário ou mesmo não ter dado muita importância ao caso?

Ainda a tradução

Traduzir é reformular uma mensagem ao escrevê-la, é transmiti-la em uma língua diferente daquela na qual foi originalmente escrita. De acordo com Rónai (1981), a tradução é então interlinguística. Portanto, ainda seguindo o pensamento de Rónai, podemos dizer que Freud usou o termo tradução figurativamente, por analogia ou aproximação. Para Freud, não era uma tradução interlinguística, a tradução de uma língua para outra, como definido acima, mas em outra linguagem: a linguagem do desejo.

Berman (1984) discute o que ele chama de discurso da experiência, que teria duas origens: a filosofia e a psicanálise. Ele atribui à situação atual das questões filosóficas sua estreita associação com a tradução, como se vê em Derrida (2002) e Wittgenstein (2000), entre outros. No entanto, o autor observa que não é uma filosofia da tradução, mas sim um entrelaçamento de filosofia com o ato de traduzir.

Quanto ao discurso da psicanálise, se justifica duplamente, primeiro, porque se liga a um discurso fundador, o de Freud, para quem a direção da tradução

² N.R.: *nibbio*: ave de rapina semelhante ao falcão, milhafre.

levanta questões. Então, por ser psicanalista, compreende o conceito de *Übertragung*, *transferência*, também como *tradução*. Assim, não se trata da *psicanálise da tradução* ou da *teoria psicanalítica*, mas de um corpo crescente de reflexões que visam aprofundar o vínculo da essência da psicanálise como tradução, em parte como uma mediação entre o sujeito, a linguagem e a letra inconsciente.

Mas, para a psicanálise e a literatura, o homem é humano porque algo lhe falta. Ele vem ao mundo programado para a linguagem e vive em permanente conflito existencial. A oportunidade de se inscrever em um novo código de linguagem sempre atrai e fascina o homem, pois é, para ele, como uma oportunidade de preencher a falta. Mas é exatamente por que não consegue preenchê-la que ele pode continuar. É nesse encontro entre a falta e o desejo de que a tradução se situa. A impossibilidade de realização plena permite a sua continuidade. A relação entre a primeira tradução e o desejo se manifesta nas primeiras tentativas do bebê de traduzir o enigma da sua mãe para satisfazer o seu desejo.

O processo de tradução denuncia, a todo o momento, o conflito entre o sujeito e o objeto, seja no ato da tradução, seja na teoria ou no ensino da tradução. A relação estabelecida entre o leitor e o texto é sempre triangular, leitor-texto-autor, ou texto no idioma de origem, leitor do texto na língua-alvo, ou o pai-falo-filho. Octavio Paz (1971), grande poeta e tradutor, considera a tradução como um paradigma da linguagem humana, feita tanto na mesma língua quanto em línguas diferentes.

A trajetória de Freud mostra que, desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1950a [1895]), a linguagem é considerada constitutiva do aparelho psíquico, uma vez que a psique se organiza apenas a partir da representação de palavras. É nos fatos de linguagem que Freud articula a origem dos símbolos originais. Afirmando que o *simbolismo talvez seja o capítulo mais surpreendente de toda a sua teorização acerca dos sonhos*, Freud chama a relação constante entre o elemento onírico e sua tradução de *relação simbólica* e chama esse elemento onírico de *símbolo* do pensamento inconsciente.

Freud (1900) acredita que é crucial delimitar o máximo possível o valor dos símbolos – definidos como relatos inequívocos de significação – para a interpretação dos sonhos, na qual ele apresenta a função do significante no inconsciente. Para o autor, os símbolos oníricos são dependentes do que se conhece como a regra fundamental da psicanálise: a associação livre, que é de uma importância decisiva para a história do sonhador.

Outra característica dos símbolos observada, por Freud, na interpretação dos sonhos é a pluralidade de significações possíveis, uma qualidade valorizada

por Lacan (1956) como a propriedade mesma do significante. A interpretação de símbolos se complica ainda mais na medida em que só o contexto irá permitir a apreensão correta do sentido, em cada caso particularizado. A abordagem de Freud apresenta os símbolos da vida onírica através de características extremamente significativas. É dessa dimensão significativa que deriva a forma de enigma que Freud atribui aos sonhos.

A interpretação é o coração da doutrina e da técnica freudianas. O pai da psicanálise faz do sonho a expressão da vida fantasmática do homem e a tradução de seu desejo inconsciente, daí a importância do suporte técnico e da atenção que devem ser dispensados ao domínio da interpretação em psicanálise.

A interpretação é um termo usado por Freud (1900) em *A interpretação dos sonhos* para descrever como a psicanálise pode dar sentido ao conteúdo latente do sonho para revelar o desejo inconsciente de um sujeito. Por extensão, o termo refere-se a qualquer intervenção psicanalítica que visa fazer emergir, para o sujeito, o significado inconsciente de suas ações ou de seu discurso, ela se manifesta por um dito, um deslize, um sonho, um ato falho ou através da repetição na transferência.

Em seu retorno a Freud, Lacan compreende a relação do sujeito com o Outro através de uma incredulidade (*Unglauben*) paranoica, definindo ainda que esta descrença radical em relação ao Outro e seus demais sintomas psicóticos se configuram como questões de linguagem. Para Lacan, a palavra é estabelecida como tal na estrutura do mundo semântico, ou seja, na linguagem. O discurso jamais possui um único sentido que o encerre, as palavras nunca são utilizadas de uma única maneira. Lacan (1977) afirma que cada palavra sempre vai mais longe, ela tem várias funções e implica em vários significados. Em última instância, expressa um discurso –, não é o que quer dizer, posto que há sempre um outro *quer dizer*.

A palavra tem, assim, uma função criativa. Segundo Paul Auster (1999), “a palavra é falsa, oculta aquilo que pretende revelar” (p. 89). Já para Eliane Brum (2014), “a palavra é desde sempre insuficiente para abarcar a vida e aquele que escreve se condena ao fracasso” (p. 19).

É a partir da estrutura de ficção que anuncia a verdade de seu desejo que o analisando faz de seu próprio ser o estofado de sua produção, de um lugar irreal. Este irreal que se produz é o objetivo final de uma análise lacaniana. Como expresso pelo maior leitor/tradutor de Freud:

No recurso que preservamos do sujeito a sujeito, a psicanálise pode acompanhar o paciente até o limite estático do “Tu és isto”, onde a ele se

revela o número de seu destino mortal, mas não está em nosso simples poder de práticos de levá-lo a este momento em que a verdadeira viagem começa (Lacan, 1949, p. 100).

Outra dimensão da análise que nos aproxima da tradução nos fala da impossibilidade de remontar, precisamente, às origens do material com que se trabalha. Se no encontro de duas línguas o sentido sempre resta adulterado, sendo impossível alcançar a meta da tradução como cópia fiel, no encontro entre dois sujeitos (analista e analisando) sempre resta algo que não pode ser dito, por melhor que seja a análise. Seja o umbigo do sonho freudiano ou o tesouro dos significantes lacaniano, algo de originário, causador de toda uma bateria de associações, está perdido para sempre.

Também os poetas são tradutores

Como aquilo que se apresenta ininterpretável no nível da castração poderia fazer parte da intervenção do analista? Lacan nos convida a descobrir a verdadeira dimensão da interpretação psicanalítica na poesia. A busca de uma clínica de suplência para a psicose ocupa todo o Seminário XXIII de Lacan (2005), *O sinthoma*. E a forma privilegiada que ele encontrou para articular suas reflexões foi analisar o papel que a obra literária de James Joyce teria no equilíbrio psíquico do escritor.

Joyce levou a sua arte, a sua maestria da escrita, às últimas consequências. Imposta com palavras, ele trabalhou a linguagem cotidiana, brincando com as palavras, a fim de quebrar, dissolver o idioma inglês, produzindo uma nova linguagem, que ele disse ser necessária para articular o tipo de experiência que lhe interessava.

A escrita era para Joyce a sua forma privilegiada de sintoma, para além de qualquer exigência, um prazer com as palavras exercidas através de seu reconhecimento e cujo objetivo era chegar mais perto desse ponto do impossível, que atravessa o ser falante para fazer subsistir a falta, qual seja, o desejo. Essa relação com as palavras lhe permitiu transformar o sintoma em originalidade e criação.

O analista deve basear a sua resposta em uma palavra sem sentido, modelada pela poesia na qual é um buraco, mas que também porta efeitos de sentido. Lacan (1977) declara: “Não é poesia, eu já lhes disse, que permite a interpretação, é aí que a minha técnica já não basta e não mais atinge o destino. E eu nem sou tão

poeta (no original poate) assim”, arremata Lacan (p. 94). É importante interpor que, por muito tempo, Lacan foi, sim, poeta. Recorreu aos poemas para pensar a psicanálise em um sentido de retorno a Freud. Posteriormente, veremos um Lacan matemático que centra sua teorização no matema, como forma de dar caráter de ciência ao discurso psicanalítico. Aqui pensamos na teoria lacaniana do poema e não na do matema.

Ao vincular o poeta ao psicanalista, Lacan nos faz uma recomendação técnica preciosa e nos transmite parâmetros clínicos importantes que poderiam ser incluídos na pesquisa sobre a interpretação psicanalítica e a produção da poesia contemporânea.

A poesia, que é um efeito de sentido, é também efeito de um buraco, um absurdo. Portanto, não se situa sobre o terreno do sentido, no qual constitui uma possível totalidade significativa fechada em si mesma, mas habita os limites do impossível. A direção do discurso analítico, também, não é, simplesmente, o significado de um discurso. Ela é o efeito de um sentido, um *nonsense*, como no caso da poesia.

Desde o início, a psicanálise irá se interessar pelas histórias romanceadas de seus pacientes. O próprio Freud se impressiona com a maneira como seus casos clínicos são lidos *como novelas*. Berlinck (1997) dirá que, em análise, sempre solicitamos um *mito poético e epopeico* de nossos analisandos, sua tragédia ou sua comédia, cantadas no lirismo das associações, sob o ritmo da insistência da cadeia significativa.

Se desejarmos aproximar ainda mais a psicanálise da poesia, podemos observar duas quebras paradigmáticas, efetuadas no século passado, que guardam estreita relação de sentido entre si. Trata-se, de um lado, do interesse de Freud pelas coisas insignificantes de nosso cotidiano (atos falhos, chistes, lapsos) em uma época em que a ciência médica deveria concentrar sua atenção nos grandes quadros nosológicos da psiquiatria nascente e em seus sintomas multicoloridos e performáticos. E, de outro, a escolha de Manoel de Barros (2001) pelas coisas insignificantes e rasteiras como inspiração para sua poesia, ao afirmar que *é no ínfimo que eu vejo a exuberância*. Contrariando toda uma tradição da poesia brasileira exclamativa e grandiloquente cujo interesse era sempre o celestial, o universal ou o demasiadamente real.

Talvez nesses dois gênios de poesia e psicanálise (a dubiedade aqui é intencional), tão inovadores em sua forma de pensar, ao enfrentarem as duras críticas que o novo sempre provoca, ainda se possa compartilhar do sentimento expresso pelo poeta do Pantanal, em seus versos:

Poderoso pra mim não é aquele que descobre ouro.
Para mim poderoso é aquele que descobre
as insignificâncias (do mundo e as nossas).
Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
Fiquei emocionado e chorei...
Eu sou fraco para elogios! (Barros, 2001, p. 47).

Palavras, palavras e incertezas

A leitura de um filósofo do nosso século, Wittgenstein, nos dá uma medida da diferença no campo do Outro e da impossibilidade de estabelecer qualquer certeza sobre o significado da vida e do mundo, bem como sobre a linguagem naquilo que chamamos de nosso saber precário. Wittgenstein (2000) desenvolveu consideravelmente a noção, já introduzida por Kant, dizendo que aquilo que podemos saber acerca das coisas é somente aquilo que colocamos na relação com o Outro. Afirma que o Outro é criação nossa e incapaz de oferecer qualquer garantia de verdade sobre o mundo. Afirmamos que compreendemos uma palavra de forma indubitável, entretanto, seu sentido depende de sua utilização; indo mais longe, o significado de uma palavra é dado, exclusivamente, por sua utilização na linguagem.

Não só Wittgenstein, mas Lacan também se recusa a atribuir à linguagem um papel secundário em relação a uma suposta coisa, existente *a priori*. Segundo esses autores, a linguagem não se limita a ter uma função de transmissão de sentido, mas, acima de tudo, uma função constitutiva. Não é possível falar de sentido de forma retroativa ou contextualizada, sem, contudo, apontar a relação problemática entre as palavras e as coisas.

Quanto à inscrição de um sentido, às vezes o analista e o poeta, concretamente, efetuam uma quebra para demonstrar que toda criação de sentido está destinada a fornecer uma identidade que não se concretiza, ou seja, a que está do lado do significante puro e da letra enquanto marca ou traço. Neste sentido, a presença do analista é também performativa.

Um dos vetores que aproxima a interpretação do psicanalista ao trabalho do poeta é, sem dúvida, a abertura para outras denominações possíveis à palavra. Com o advento da psicanálise, o ato favorece a destituição subjetiva que visa reduzir o eu ao objeto α , que se verifica no momento exato no qual o analisando cai, após ter constatado que este objeto é causa do desejo. É a partir da estrutura de ficção, através da qual afirma a verdade sobre o seu desejo, que o analisando

faz de seu próprio ser o material significativo para a produção de um irreal. Este irreal que se produz não supõe mais a estrutura da fantasia, tampouco o suposto saber imputado ao analista.

Só desta maneira a produção do sujeito aponta para um lugar além da ordem da repetição, da recordação e da elaboração, para, finalmente, alçar-se à categoria de fertilidade da invenção. Ao dar à luz a um novo sentido, o sujeito se engendra, se cria, como sujeito da diferença.

No estudo lacaniano, ainda que seja efeito do significante, porque este *representa o sujeito para outro significante*, o *je* (sujeito) não pode ser representado integralmente por ele. Por essa razão aparece barrado, representado no campo simbólico como dividido, oposto ao *moi* (eu), que é individual, unidade esta que provém do registro do imaginário e da alienação daí decorrente (Jorge, 2002). Lacan afirma que essa mesma barra (\$) aponta para a progenitura bastarda do sujeito, de onde ele é efeito da necessidade real e da demanda/desejo que pertencem ao campo do simbólico. Daí a justificativa de o sujeito ser bastardo por ser filho de dois mundos completamente distintos e incompatíveis: real e simbólico (Lacan, 1954b).

Vimos também que Lacan (1956) coloca análise e poesia em pé de igualdade pela via da sublimação: entre o conhecimento e o gozo. Especialmente, ao analisar a obra de Da Vinci e a relação do pintor com a castração e o Outro. A sublimação é um destino pulsional que não se enquadra na ordem simples da ab-reação, mas da arte.

Trata-se aí de uma certa tomada de posição do sujeito com relação à problemática do Outro, que é, ou bem este Outro absoluto, este inconsciente fechado, esta mulher impenetrável, ou bem, por trás desta, a figura da morte, que é o último Outro absoluto. A maneira pela qual uma certa experiência compõe com este termo último da relação humana, a maneira como ela re-introduz no interior disso toda a vida das trocas imaginárias, a maneira como desloca a relação radical e última até uma alteridade essencial para fazê-la habitar por uma relação de miragem, é a isso que se chama sublimação (Lacan, 1956, p. 446).

Podemos pensar em um novo uso da letra na análise? No intuito de aprofundar ainda mais este trabalho, gostaríamos de mencionar aqui uma indicação de Lacan (1977), quando afirma que dizer é diferente de falar. O analisando fala. Ele faz poesia. Ele faz poesia quando chega lá, o que é pouco frequente. Mas ainda assim é arte.

O poeta permite ao leitor brincar com as palavras, sílabas ou frases para apreciar o texto à vontade. O tradutor vê a maior parte da polissemia do texto para recriar o seu sentido e lhe recuperar a essência original. O analista condensa, na interpretação, a polissemia do discurso analítico. O texto é sempre inesperado para os três. Para todos os três, o texto é percebido como algo inacabado, transitório e incompleto, o que os faz conscientes da sua própria falta e incompletude.

Uma vez transitório e incompleto, ou seja, não totalizante, então existem outras maneiras de se apreender o mundo diferentes desta que agora o sujeito utiliza. Outras matrizes de significação, onde a angústia frente a esse desconhecido é administrável, e o ganho é muito grande quando se pode contar com diferentes maneiras de ser e agir, e não apenas uma repetição (Forbes, 2002).

A consciência da incompletude que possuía Leonardo da Vinci, já citado neste texto, provavelmente o fez deixar inacabadas praticamente todas as suas obras relacionadas à pintura. Incompletude que, vista por outro prisma, pode também fornecer a oportunidade para a criação eterna. □

Abstract

Translation, interpretation and poetry. Faces of the same?

Translation, as the psychoanalytic interpretation, is always incomplete, flawed and imperfect, as the subject himself. Poets allow readers to play with words, syllables or phrases, enjoying the text at their own leisure. Translators benefit the most from the polysemy of the text in order to recreate their own version of the original. The analyst, by interpreting, condenses the polysemy of the analytic subject's discourse. All versions are always unexpected for the three of them. We try to reexamine the poetry of Freud's original texts, undermined by some translations. We also investigate the close relationship between the poet and the psychoanalyst, pointed by Lacan, as well as some important clinical parameters that could be included in the research of psychoanalytic interpretation and also in the production of poetry. Poetry, which is an effect of sense, is also a nonsense. Therefore, it does not stand on the ground of rational meaning, but rather within the limits of the impossible. Paradoxically, opens up endless possibilities for the subject.

Keywords: translation, interpretation, psychoanalysis, subject.

Resumen

La traducción, la interpretación y la poesía. ¿Caras de lo mismo?

La traducción, así como la interpretación psicoanalítica, es siempre incompleta, defectuosa, imperfecta, así como el propio sujeto. Los poetas permiten al lector jugar con las palabras, sílabas u oraciones, disfrutando del texto a su sabor y antojo. Traductores se benefician con la polisemia del texto con el fin de recrear su propia versión del original. El analista, al interpretar, condensa la polisemia del discurso del sujeto en análisis. Todas las versiones son siempre inesperadas para los tres. Tratamos de volver a examinar la poesía de los textos originales de Freud, minada por algunas traducciones. También investigaremos la estrecha relación entre el poeta y el psicoanalista, bellamente señalada por Lacan, bien como algunos parámetros clínicos importantes que podrían ser incluidos en la investigación de la interpretación psicoanalítica y también en la producción de poesía. Poesía, que es un efecto de sentido, es también un no-sentido. Por lo tanto, no se sitúa en el terreno de la significación racional, pero sí en los límites de lo imposible. Paradójicamente, se abre un sinfín de posibilidades para el sujeto.

Palabras clave: traducción, interpretación, psicoanálisis, sujeto.

Referências

- Auster, P. (1999). *A trilogia de Nova York: cidade de vidro, fantasmas e o quarto fechado*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Barros, M. (2001). Tratado geral das grandezas do ínfimo. In *Poesia completa*. São Paulo: Leya.
- Berlinck, M. (1997). O que é psicopatologia fundamental. *Psicologia, ciência e profissão*, 17(2): 3-20.
- Berman, A. (1984). *L'épreuve de l'étranger*. Paris: Gallimard.
- Bettelheim, B. (1982). *Freud e a alma humana*. São Paulo: Cultrix.
- Brum, E. (2014). *Meus desacontecimentos: história da minha vida com as palavras*. São Paulo: Leya.
- Coutinho, A. (2013). A especificidade da memória em psicanálise. *Estudos da Língua(gem)* 11 (1): 59-74.
- Derrida, J. (2002). Eu, a psicanálise. *Pulsional – Revista de Psicanálise*, 15 (158): 11-21.
- Fontes, M. (2007). *Parole chiave: dizionario di italiano per brasiliani*. São Paulo: Martins Fontes; Giunti Editore.

- Forbes, J. (2002). A língua molda o inconsciente. *Entrevista para a Revista Língua. Especial Psicanálise e Linguagem*. pp. 32-40.
- Freud, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 4). Rio de Janeiro: Imago. 1998.
- Freud, S. (1950a [1895]). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 301-409), Rio de Janeiro: Imago. 1998.
- Freud, S. (1950b [1896]). Carta 52 a Fliess. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, p. 281-287), Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- Frota, M. P. (1999). *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividades nos estudos da tradução, na linguística e na psicanálise*. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP).
- Jorge, M. A. C. (2002). Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos. In D. Rinaldi & M. A. C. Jorge. (Orgs.), *Saber, verdade e gozo*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Lacan, J. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1954a). *O seminário, livro I: os escritos técnicos de Freud*. Buenos Aires: Paidós. 2008.
- Lacan, J. (1954b). A significação do falo. In J. Lacan, *Escritos* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1956). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995.
- Lacan, J. (1964). *O seminário, livro II: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- Lacan, J. (1977). *O seminário, livre XX: mais, ainda*. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- Lacan, J.(2005). *O seminário, livro XXIII: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laplanche, J.; Bourbignon, A; Cottet, P.; & Robert, F. (1989). *Traduire Freud*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Mezan, R. (2002). *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Cia das Letras.
- Paz, O. (1971). *Traducción: literatura y literalidad*. Barcelona: Tusquets.
- Rónai, P. (1981). *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Roudinesco, E. (2001). *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Venuti, L. (1995). A invisibilidade do tradutor. *Revista PaLavra* (3): 111-134. Departamento de Letras da PUC-Rio.
- Wittgenstein, L. (2000). *Investigações filosóficas*. São Paulo: Abril.

Recebido em 12/05/2014

Aceito em 02/10/2014

Revisão técnica de **Karem Cainelli**

Joana V. Novaes

Junia de Vilhena

Av. Ataulfo de Paiva, 135/613 – Leblon

22440-901 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

e-mail: joananovaes@gmail.com – juniavilhena@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA

